

**ARQUEOLOGIA EM MATO
GROSSO DO SUL
DOIS PROJETOS, DOIS RESULTADOS**

Pedro Ignácio Schmitz

Diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas, Universidade do
Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS

O artigo dá uma visão dos objetivos, métodos e resultados de dois projetos arqueológicos executados pelo Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS e UFMS, em Mato Grosso do Sul, um deles no Pantanal e outro no Planalto.

Palavras-chave: Pré-história; Pantanal; Planalto; Mato Grosso do Sul.

The article gives an overview of the objectives, methods and results of two archeological projects executed by the Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS and the Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. One project studied preceramic sites on the Highlands, the other preceramic and ceramic sites in the Pantanal.

Keywords: Prehistory; Pantanal; Highlands; Mato Grosso do Sul State.

INTRODUÇÃO

Quem hoje conta a história de Mato Grosso do Sul não tem o direito de colocar o início da colonização na chegada do conquistador europeu, quer este seja de origem espanhola, quer portuguesa. Tanto o Planalto como o Pantanal estavam ocupados desde muitos milênios. Populações variadas tinham chegado a estes espaços e desenvolvido técnicas, estruturas sociais e culturas adaptadas aos diversos ambientes. No Planalto, ocupado desde 8.500 anos antes de Cristo, se notam, desde o começo do povoamento até o seu final, conexões muito fortes com o Planalto Central, especialmente com os Estados de Goiás e Mato Grosso; os Kaiapó de Camapuã talvez tenham sido os últimos representantes. No Pantanal, ocupado desde 6.200 anos antes de Cristo, os primeiros habitantes conhecidos poderiam ser parecidos com os canoieiros Paiaguá e Guató do período colonial, donos dos rios, das lagoas e dos alagados da região. Ao Pantanal também chegaram populações nômades do Chaco paraguaio, como os Guaicuru, cujos representantes atuais são os Kadiwéu. Além de caçadores e canoieiros, chegaram ao Pantanal agricultores amazônicos da família linguística Arawak. Deles, os Xaray conseguiram um nível técnico e uma estrutura social prenunciadoras de uma civilização, construindo aldeias com

vários bairros, ao passo que os Guaná-Chané permaneceram agricultores de um nível menos desenvolvido (em tempos históricos são conhecidos como Terena, Quinquinao, Laiana etc.). Nas áreas mais férteis do sul do Estado, ao longo do rio Paraná e do Paraguai, uma outra população agricultora, conhecida como Guarani, colonizou as florestas; hoje seus representantes mais fortes são os Kaiowá e Ñadeva.

A história dessas populações, que precederam os colonizadores brancos, é feita parcialmente por historiadores lendo antigos papéis em arquivos, mas em sua maior parte se origina da leitura de ruínas de aldeias, acampamentos, lixeiras e cemitérios, feita por arqueólogos.

Desde 1985, estão sendo desenvolvidos em Mato Grosso do Sul projetos arqueológicos, executados por profissionais da UFMS e do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. Sua execução e resultados têm sido divulgados em revistas especializadas e teses universitárias. Por isso quero mostrar, neste artigo, como se procedeu e que resultados foram conseguidos nos dois projetos desenvolvidos no convênio firmado entre o IAP/UNISINOS e a UFMS: o Projeto Alto Sucuriú e o Projeto Corumbá. O primeiro, por várias razões ficou incompleto; o segundo, foi concluído e seus resultados estão sendo integralmente publicados.

O PROJETO CORUMBÁ

O Projeto Corumbá se originou da necessidade de conhecer a história indígena do território nacional, cobrindo espaços nunca visitados por arqueólogos. O Pantanal estava entre estas áreas e não tivera nenhuma pesquisa ou levantamento sistemático de sítios arqueológicos (lugares onde aparecem materiais e outros vestígios de ocupação humana antiga). Tinha tido o registro de alguns sítios (Lehel de Silimon, arquivo do IPHAN, Rio de Janeiro) e a menção de alguns petroglifos (gravuras feitas na rocha) (Passos, 1975).

Não conhecíamos boas descrições das populações indígenas coloniais e da diversidade ambiental que ajudassem a formular hipóteses testáveis ou a construir projetos específicos. Por isso, deu-se ao

trabalho o caráter de estudo regional, no qual se buscava identificar e entender a instalação humana nos diversos ambientes naturais presentes numa área cujos limites teriam de ser estabelecidos arbitrariamente em função dos recursos humanos e materiais disponíveis e dos apoios logísticos necessários.

Na medida em que o ambiente era a referência básica, padrão ou forma de estabelecimento, como usado por Willey (1953), em Chang (ed., 1978) ou Hodder (1978), poderia ser a estratégia de organização de dados, referentes à utilização dos recursos, à tecnologia disponível, à implantação e diversidade de estabelecimentos, à estrutura da sociedade e ao imaginário materializado.

Tratava-se da construção de um primeiro modelo, suficiente para se entender o espaço trabalhado, tornando possível testar os resultados conseguidos em áreas vizinhas e formular projetos específicos a partir das problemáticas surgidas na primeira etapa.

Os procedimentos básicos incluem: o estudo das estruturas do ambiente, os recursos nelas disponíveis e a distribuição no espaço; os recursos efetiva e hipoteticamente usados e a tecnologia empregada; os estabelecimentos produzidos na adequação a espaços e recursos; as estruturas sociais implicadas; o ritual materializado nos sepultamentos e gravações nas rochas; os espaços não ocupados, os limites territoriais, a relação com populações vizinhas. Em resumo, a história e o modo de vida das populações.

Para esta abordagem havia experiências anteriores, especialmente o longo Programa Arqueológico de Goiás, que cobrira grandes áreas do Planalto brasileiro, nos Estados de Goiás, Bahia e Tocantins.

O Projeto Corumbá faz parte de programa semelhante, denominado Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul, do qual já havia sido executado (1985-1989) o projeto Alto Sucuriú.

O projeto deveria proporcionar semelhante visão para o Pantanal. Para ele foi delimitada, inicialmente, uma área de perto de 20.000 km² tendo como centro a cidade de Corumbá e como limites os paralelos de 18° e 20° S, no sentido norte-sul, e o meridiano de 57° W e a

fronteira da Bolívia, no sentido leste-oeste. Após os primeiros trabalhos de campo e uma cobertura completa de fotos aéreas, se chegou à conclusão de que uma área menor era suficiente para os objetivos estabelecidos, restringindo-se o espaço, então, no sentido norte-sul, aos paralelos de 19° e 19°30', perfazendo a área ainda aproximadamente 5.000 km², isto é, 50 km no sentido norte-sul e quase 100 km no sentido leste-oeste. O espaço, assim reduzido, compreende um trecho do rio Paraguai, grandes lagoas, campos alagadiços e um pequeno planalto residual, cujos topos mais altos passam de 1.000 m de altitude; fenômenos que se encontram repetidos, em associação parecida, nas áreas eliminadas. Uma vez estudado o espaço menor, os resultados podem ser testados no maior, o que, em parte, já está sendo feito (José Luis S. Peixoto, com. pessoal, 1998; Jorge Eremites de Oliveira, com. pessoal, 1998).

O objetivo do projeto era criar uma história contínua das populações indígenas, abrangendo o período pré-histórico e o colonial, com eventuais transgressões para o período nacional.

Para o período pré-histórico, era necessário conseguir informação a respeito dos sítios arqueológicos presentes, sua implantação no ambiente, sucessão das camadas e sua datação, utensílios e instrumentos usados, tratamento dado aos mortos, representações em rochas sob a forma de gravações ou pinturas, distribuição dos sítios no espaço e seu significado em termos de organização social, relação com populações vizinhas.

Para o período colonial ou nacional, se buscavam, na história das populações indígenas locais, dados sobre estratégias de abastecimento, formas de estabelecimento e organização social correspondente e sobre mudanças ocorridas por influência da colonização espanhola e portuguesa. Também se buscavam, no modo de vida das populações coloniais, elementos que ajudassem a entender, por analogia, os sítios arqueológicos, quer estes fossem estabelecimentos de seus antepassados, quer estivessem apenas no mesmo ambiente.

O trabalho de campo foi realizado nos meses sem chuva, quando as águas estivessem baixas e os arqueólogos sem compromissos escola-

res. Normalmente eram 30 dias anuais, nos meses de julho-agosto; só uma vez também em outubro (Levantamento para o Gasoduto Bolívia-Brasil, feito por Jorge Eremites de Oliveira e José Luis S. Peixoto). O projeto começou em 1990 e realizou sua última expedição em 1997.

O trabalho de campo foi executado em estágios, não necessariamente sucessivos, porém muitas vezes paralelos.

O primeiro, se destinava a conseguir informação sobre os sítios através do contato com os moradores das cidades, das vilas e das fazendas e percorrendo o espaço em várias direções. Estas informações se tornaram mais fluentes na medida em que, durante os oito anos, cresceu o conhecimento e a familiaridade da equipe com os moradores e com o espaço locais.

O segundo, foi a localização sistemática de sítios em espaços delimitados: estes eram fazendas (como as Santa Clara e Santa Helena [ver figura]), assentamentos de colonos, bordas de rodovias, o trajeto do novo Gasoduto Bolívia-Brasil, bacias de grandes lagoas como a de Jacadigo e a Negra. Nas morrarias foi feita visita a quase todas as chácaras e fazendas. A locomoção era predominantemente por terra, o que, devido a um razoável traçado de estradas e caminhos, permitiu acesso a partes importantes do território, mas impediu a chegada a outras. O resultado conseguido, sua abrangência e áreas sem probabilidade de sítios, como as margens baixas do rio Paraguai e áreas um pouco mais elevadas na bacia do rio Taquari, era testado com o exame de fotos aéreas e, para certos espaços, as imagens de satélite.

O terceiro, foi a identificação dos sítios, seu conteúdo material e cronologia através da coleta superficial sistemática, de cortes estratigráficos e datação por C^{14} de amostras estratégicas. A estrutura cronológica do projeto se baseia sobre 17 datas.

O quarto, foi a realização de pequenas escavações em sítios selecionados durante os estágios anteriores para melhor conhecimento das estruturas horizontais, tais como pisos de habitação, fogueiras, lixeiras e cemitérios, além da documentação (cópia) completa dos petroglifos.

O quinto, foi o estudo exaustivo, usando a documentação escrita, das populações indígenas históricas e das missões estabelecidas na área. Também houve um princípio de etno-arqueologia através de entrevistas com as populações Guató sobreviventes, que moravam na cidade de Corumbá, feito por Jorge Eremites de Oliveira.

O regime de precipitações pluviais na área do projeto é de duas estações: a do verão, chuvosa, e a de inverno, seca. O rio também apresenta duas etapas anuais marcadas: a da enchente, que inicia com a intensificação das precipitações, e a da vazante, já bem entrada na estiagem. Os ambientes resultantes são basicamente dois: os terrenos altos do planalto residual do Complexo Urucum, conhecido como Morrarias, com as superfícies elevadas a seus pés, que são cobertos por densa floresta de transição chaquenha; o rio Paraguai, as lagoas permanentes e temporárias e os campos alagadiços, estes cobertos por vegetação de savana.

Durante os oito anos de execução do projeto, foram descobertos 204 sítios arqueológicos, nos quais se realizaram atividades diversas, que vão do simples registro com coleta superficial a cortes estratigráficos e pequenas escavações; no caso dos petroglifos foi feita a documentação completa.

Na encosta florestada do Complexo Urucum foram estudados 23 sítios de agricultores da tradição cerâmica Tupiguarani, anteriores à Conquista e provavelmente ainda contemporâneos da mesma. Nos campos alagadiços, junto às lagoas e ao rio Paraguai, foram localizados 170 sítios de populações exploradoras deste ambiente, que primeiro são pré-cerâmicas, fase Corumbá (sétimo a segundo ou primeiro milênio antes de Cristo), depois ceramistas da tradição Pantanal, fase Pantanal (a partir do primeiro milênio antes de Cristo). Na encosta baixa do Complexo Urucum foram encontrados mais 4 sítios cerâmicos da mesma tradição Pantanal, fase Jacadigo, talvez posteriores à Conquista; 5 lajedos horizontais com gravuras, que somam 3.300 m² de superfície, pertencentes ao Complexo Estilístico Simbolista Geométrico Horizontal (Mendonça de Souza, Ferraz & Mendonça de Souza,

1977); 2 estabelecimentos de missões religiosas do século XIX, a missão Nossa Senhora do Bom Conselho, em Mato Grande, e Nossa Senhora da Misericórdia, em Albuquerque.

A localização dos sítios, com coletas de material superficial, correspondeu especialmente aos primeiros anos do projeto (1990-1994); os cortes estratigráficos foram realizados predominantemente a partir de 1992. Nos dois últimos anos (1996 e 1997), foram abertas superfícies maiores. As gravuras foram estudadas à medida que iam aparecendo (1990, 1992, 1993 e 1994).

O estudo das populações indígenas coloniais e nacionais se deu ao longo de todo o projeto.

No fim das atividades é preciso fazer uma avaliação do alcance do projeto em termos do que ele se havia proposto.

Da área de uns 5.000 km² foi efetivamente visitada e estudada aproximadamente a metade, abrangendo os diversos ambientes presentes. Em cada um deles foram localizados numerosos sítios. Nos terrenos elevados da encosta do Complexo Urucum, área das florestas de transição chaquenha, os petroglifos foram todos localizados e completamente documentados. As missões religiosas, de que há documentos para a área, foram identificadas, seus vestígios e história estudados. Dos sítios cerâmicos da tradição Tupiguarani se estudou, sistematicamente, a maior parte da área onde a presença podia ser presumida, ficando alguns espaços sem tratamento intensivo; nos sítios, todos perturbados por cultivos com instrumentos agrícolas tradicionais ou modernos, foram recolhidas amostras superficiais sistemáticas e foi estudada a implantação no ambiente. Os sítios cerâmicos da fase Jacadigo foram encontrados nas varreduras sistemáticas e não é possível dizer se ficaram alguns sem estudar.

Nos campos alagadiços, beira do rio Paraguai e bordas de lagoas, onde se instalaram populações exploradoras de recursos aquáticos, deixando sítios estratificados que se destacam na paisagem como aterros, localmente conhecidos como capões ou capões de mato, foram feitas amostragens sistemáticas buscando conhecer a implantação, a distri-

buição e agrupamento, as estruturas verticais e horizontais, os conteúdos artefatuais e mortuários, as cronologias absoluta e relativa. Comparando nossas amostragens com os sítios vistos nas fotografias aéreas de toda a área, avaliamos que nossos levantamentos são apropriados e suficientes: na margem direita do rio Paraguai nossa amostragem é bem densa, cobrindo grande parte da bacia da lagoa Jacadigo e alagados próximos; na margem esquerda as amostras individuais são densas (trajeto do Gasoduto Bolívia-Brasil, margem da rodovia MS-184 e quatro fazendas junto ao rio Abobral). Nestas áreas as fotos aéreas mostram uma grande densidade de ocorrências que amostramos muito bem; em outras áreas, ao norte da estrada MS-228 (da ãMangaõ) e na bacia do rio Taquari, com os seus afluentes, não aparecem nas fotos; foi uma área a que não tivemos acesso. Eles também não aparecem nas margens baixas do rio Paraguai, onde as águas da enchente são muito fundas e onde não existe uma vegetação arbórea protetora.

Pensando na seqüência total da ocupação, conseguimos cobrir bem dois momentos sucessivos de estabelecimentos pré-cerâmicos (fase Corumbá I e fase Corumbá II) e, sobreposto a estes, um muito denso povoamento cerâmico (tradição cerâmica Pantanal, fase Pantanal).

Em termos das estruturas verticais (ou seqüências de ocupação) e horizontais (ou espaços de ocupação) dos sítios estratificados e dos conteúdos artefatuais e faunísticos, nossas amostras são adequadas. As estruturas mortuárias são escassas, aparecendo só em dois sítios e seria desejável ter mais amostras; elas são difíceis de predizer, exigindo, com isso, escavações mais extensas do que cabia realizar no projeto. Estava planejada mais uma escavação num sítio que mostra uma longa evolução cerâmica, mas as condições de trabalho neste sítio se apresentavam excessivamente difíceis para as condições atuais de execução.

O estudo das populações indígenas históricas cobre muito bem as necessidades previstas.

Por isso, avaliamos que o projeto cumpriu o que se propusera e oferece um primeiro modelo da ocupação indígena da área, que pode

ser testado nas outras áreas do Pantanal do Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, ainda oferecendo elementos básicos para a construção de uma história contínua das populações indígenas.

Por fim, nos resta oferecer uma rápida síntese da história das populações indígenas como ela resulta de nossas pesquisas.

A primeira ocupação da área é representada por apenas um sítio numa barranca alta do rio Paraguai, na cidade de Ladário. O sítio tem aproximadamente 150 m de diâmetro, um metro de espessura na parte central e datações ao redor de 6.200 anos antes de Cristo. Trata-se de um estabelecimento pré-cerâmico com uma duração de 150 a 200 anos, voltado, basicamente, à exploração de moluscos aquáticos e peixes, utilizando um instrumental lítico no qual pequenas bolas, pequenos blocos rochosos com superfícies alisadas planas ou deprimidas e talhadores rudimentares são os elementos mais característicos. Nenhum sepultamento.

Depois de um intervalo de aproximadamente 3.800 anos começa a ocupação sistemática da área alagadiça do Pantanal por populações ligadas à exploração de recursos da água (moluscos, peixes e répteis) e de terra (caça e vegetais). Provavelmente antes disso as condições do Pantanal propriamente dito impediam a ocupação. Os sítios maiores e com maior densidade de material encontram-se junto à grande lagoa de Jacadigo, cercada pela Morraria e sobre diques marginais de canais e pequenos rios, mas há grande número de aterros também em campos alagadiços tanto da margem esquerda como da direita do rio Paraguai. São sítios estratificados sob a forma de aterros, cujas camadas superiores contêm cerâmica, sendo as inferiores muitas vezes pré-cerâmicas. A ocupação pré-cerâmica começa ao redor de 2.400 anos antes de Cristo, a parte cerâmica ao redor de 200 anos antes de Cristo. São populações canoieiras, que se movem de acordo com a disponibilidade dos recursos que, durante metade do ano, estão nos campos alagados, onde então se encontram os peixes, os moluscos, a caça e frutos; na outra metade do ano devem estar na beira dos rios e lagoas, para onde voltaram os peixes, onde agora amadurece o arroz

nativo, se encontra caça e frutos da temporada. Por isso, o grupo deveria usar estabelecimentos mais estáveis e talvez mais consolidados junto às grandes lagoas e nos diques fluviais de pequenos rios, para onde também trazem os seus mortos; e acampamentos mais rápidos nos campos alagados, onde só existem recursos abundantes no tempo da enchente e onde as canoas só têm utilidade enquanto as águas estão altas.

A ocupação mais antiga do Pantanal propriamente dito é de populações que ainda não conhecem cerâmica. Uns séculos antes de Cristo, os mesmos aterros começam a apresentar grande quantidade de uma cerâmica até então desconhecida dos arqueólogos e a que demos o nome de tradição cerâmica Pantanal. Qual a relação entre a ocupação pré-cerâmica e a ocupação cerâmica dos mesmos aterros ainda não sabemos. Há duas possibilidades: a população inicial aprendeu a fazer cerâmica por si mesma ou copiando-a de outros, ou temos uma nova população que substituiu a anterior. A grande quantidade de sítios cerâmicos indica que a população que os ocupou deveria ser grande.

Ao tempo da chegada dos colonizadores espanhóis, viviam na mesma área índios canoieiros como os Paiaguá e os Guató, que podem ser descendentes das populações aqui descritas ou novamente invasoras; a primeira alternativa tem maior probabilidade, embora não saibamos como se deu esta continuidade.

Na encosta baixa das Morrarias, onde existem córregos de água cristalina, bons solos e floresta densa, estavam instaladas populações agricultoras de tradição cerâmica Tupiguarani que, ao tempo da Conquista, eram conhecidas como Guarani, localmente Itatim. Populações semelhantes, um pouco mais ao sul foram missionadas pelos jesuítas (Gadelha, 1980). Estas populações, ao menos no período final, são contemporâneas dos ceramistas dos aterros. Tinham as pequenas aldeias com casas de palha na beira dos córregos, nos terraços da Morraria, onde abriam clareiras na mata para seus cultivos tradicionais. O núcleo que formavam era pequeno, mas, aparentemente, seguro, não tendo

sido nunca invadido ou destruído pelas populações vizinhas, moradoras dos campos alagados.

Os petroglifos, de uma tradição bastante difundida na parte meridional da bacia amazônica, provavelmente estão ligados aos moradores dos aterros que têm maior permanência na área. São cinco grandes lajedos horizontais, no sopé da Morraria, cobertos com figuras geometrizes ou livres e pisadas de animais e humanos, que cobrem 3.300 m². Alguns sulcos se estendem por dezenas, ou mesmo centenas de metros. A quantidade de energia investida na produção desses sulcos, de uns 5 cm de largura por 2 a 5 cm de profundidade, é indicativa de que as representações teriam grande importância ritual e social para seus criadores, embora para nós constituam mistério indecifrável.

Em tempos históricos moravam no Pantanal e arredores diversos grupos:

ÉOs Xaray, da família lingüística Arawak, agricultores com estruturas sociais complexas e grandes estabelecimentos, estavam ao norte da área do projeto. Eles foram exterminados pelos bandeirantes no século XVIII.

ÉOs agricultores Guaná, também da família lingüística Arawak, uma parcela dos quais foi assentada, na segunda metade do século XIX, na Missão Nossa Senhora do Bom Conselho (MS-CP-40 e 39) e que têm hoje sua reserva na borda oriental do Pantanal. Historicamente aparecem como Terena, Quinquinao, Laiana etc. Arqueologicamente não os conseguimos identificar fora da missão.

ÉOs Guató, canoieiros que subsistiam de caça, pesca e coleta viviam em aterros e à beira dos grandes lagos, de maneira semelhante às populações pré-históricas. Hoje têm uma reserva junto às grandes lagoas ao norte da área do projeto.

ÉOs Paiaguá, também canoieiros vivendo de caça, pesca e coleta, durante séculos eram os donos do rio Paraguai. Também estão extintos desde o século XIX. Poderiam ser construtores e usuários de aterros estudados.

É Os Guaicuru, inicialmente caçadores pedestres do Chaco, depois caçadores e criadores eqüestres em áreas periféricas do Pantanal, tinham, no século XIX, estabelecimentos historicamente conhecidos dentro da área do projeto, na borda baixa da Morraria, onde pastoreavam rebanhos de milhares de cavalos. É possível que os sítios cerâmicos da fase Jacadigo sejam restos de seus acampamentos. Hoje descendentes seus, conhecidos como Kadiwéu, estão em reservas na borda oriental do Pantanal.

Sobre o projeto e seus resultados já existe uma bibliografia abundante e variada. Sobre o projeto: Schmitz & Beber (1996); Schmitz, Rogge, Beber & Rosa (1997); Schmitz (1997 e 1998). Sobre os aterros: Bittencourt (1992); Oliveira & Peixoto (1993); Oliveira (1995); Schmitz, Rogge & Rosa (1998). Sobre a cerâmica dos aterros: Rogge & Schmitz (1992 e 1994/1995); Rogge (1996); Castro (1998). Sobre a fauna recuperada nos mesmos: Rosa (1997). Sobre os sítios da tradição cerâmica Tupiguarani: Peixoto (1995a e 1995b). Sobre os lajedos com petroglifos: Girelli (1994, 1995 e 1996); Hackbart (1997). Sobre os Guató: Oliveira (1995a e 1995b). Sobre os Xaray e Chané: Schuch (1995a e 1995b). Sobre os Guaicuru: Herberts (1998). Sobre as missões religiosas: Schuch (1998); Peixoto & Schmitz (1998).

O PROJETO ALTO SUCURIÚ

Abrangia as altas chapadas cobertas de cerrado dos municípios de Paranaíba, Cassilância, Água Clara, Inocência, Costa Rica, Chapadão do Sul e Três Lagoas. Tinha como limites os meridianos de 51°30' e 53°22' de longitude oeste e 18°30' e 19°23' de latitude sul.

O projeto fora encaminhado com os mesmos objetivos e o mesmo enfoque do Projeto Corumbá. A provocação para se instalar um projeto arqueológico na área tinha vindo do geólogo José Luiz Lorenz Silva, que encaminhou ao Instituto Anchieta de Pesquisas uma foto com pinturas rupestres encontradas numa fazenda, com um pedido de Parecer técnico.

Em consequência, de 1985 a 1989, embora em caráter descontínuo, foram realizadas pesquisas na área, inicialmente sob a coordenação de Sílvia Moehlecke Copé e José Luiz Lorenz Silva, no último ano sob a coordenação de Pedro Ignácio Schmitz.

A área foi percorrida em várias direções, os moradores foram perguntados, mas, no final, os sítios de alguma importância ficaram sendo uns poucos blocos de arenito Botucatu, donde viera a primeira foto.

Trata-se de quatro sítios, nas fazendas Ferradura e Água Branca, no município de Paranaíba, pequenos abrigos e uma caverna com camadas arqueológicas bastante espessas e com pinturas e gravuras adornando as paredes.

Nos sítios foram realizados cortes estratigráficos de pequenas extensões e as pinturas e gravuras foram integralmente documentadas.

As datações conseguidas mostram que os primeiros ocupantes chegaram ao redor de 8.500 antes de Cristo e que os abrigos foram ocupados ou reocupados durante os seguintes milênios.

As pinturas, durante os primeiros milênios, são representações geométricas e livres em vermelho, às vezes complementado com amarelo e/ou preto. Num período mais recente são representações estilizadas de homens e animais, em vermelho. As gravuras são predominantemente rabiscos desordenados ou representações simples de pisadas de animais.

A ocupação dos chapadões do Alto Sucuriú está claramente ligada ao planalto de Goiás, que tem sua melhor representação em Serranópolis, no sudoeste daquele Estado. Tanto o tempo de ocupação, como a cultura são muito parecidos. A maior diferença entre o Alto Sucuriú e Serranópolis é que esta tem ambiente diversificado e rico, com mais de quarenta grandes abrigos muito cômodos, ao passo que o Alto Sucuriú são chapadões uniformes com poucos abrigos pequenos e uma caverna escura. Mesmo assim, é uma amostra não desprezível para demonstrar a ocupação do planalto de Mato Grosso do Sul.

O projeto foi descontinuado por razões variadas e não há perspectiva de retomá-lo.

Os resultados conseguidos foram divulgados por Ellen Veroneze (1994), que fala do ambiente, dos sítios, dos trabalhos feitos e dos resultados; e por Marcus Vinicius Beber (1995a,b), que estuda as pinturas e gravuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul ainda havia dois outros projetos: Campo Grande-Dourados e Bela Vista (sobre o rio Apa), mas sua execução foi, provisoriamente, sustada.

Como se pode ver na apresentação dos dois projetos executados pelo Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS e UFMS, alguns trabalhos podem produzir resultados altamente compensadores, ao passo que outros pagam mal os altos investimentos. Importante é que a soma de trabalhos de várias instituições já permite traçar um grande esboço do povoamento do Estado, colocando ao lado da história da colonização branca a história cada vez mais visível da população indígena originária.

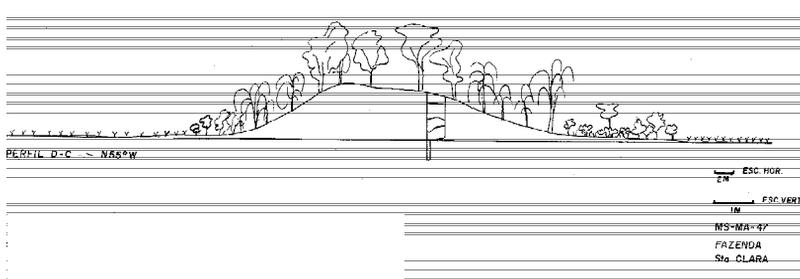
BIBLIOGRAFIA

- BEBER, Marcus Vinicius. *Arte Rupestre no Nordeste de Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre, PUCRS, 1995a. (Dissertação de Mestrado).
- _____. Pinturas e Gravuras em Cavernas de Mato Grosso do Sul. *Estudos Leopoldenses* vol. 31, n. 144:83-95. 1995b. São Leopoldo, UNISINOS.
- BITENCOURT, Ana Luiza V. Projeto Corumbá - Sub-região do Abobral: a Implantação dos Aterros. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira* vol. 2:792-800. Rio de Janeiro, 1992.
- CASTRO, Clomar Júlio Dias de. *A Cerâmica do Projeto Corumbá, MS: Experiência de Classificação e Reprodução da Cerâmica*. Trabalho de conclusão do curso de História, na UNISINOS, junho de 1998.
- GADELHA, Regina Maria A.F. *As Missões Jesuíticas do Itatim*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1980.
- GIRELLI, Maribel. *Lajedos com Gravuras na Região de Corumbá, MS*. São Leopoldo, UNISINOS, 1994. (Dissertação de Mestrado).
- _____. Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS. *Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira* vol. 2:93-101. Porto Alegre, PUCRS, 1995.

- _____. Pesquisas Arqueológicas no Pantanal do Mato Grosso. *Estudos Leopoldenses*, vol. 32, n. 147:91-107. São Leopoldo, UNISINOS, 1996.
- HACKBART, Patrícia da Silva. *Petroglifos no Pantanal de Mato Grosso do Sul. O quinto sítio*. Trabalho de conclusão do curso de História na UNISINOS. 1997.
- HERBERTS, Ana Lucia. *Os Mbayá-Guaicurú: Area, Assentamento, Subsistência e Cultura Material*. São Leopoldo, UNISINOS, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo, FERRAZ, Sheila & MENDONÇA DE SOUZA, Arminda. *Projeto Bacia do Paranã i. Petroglifos da Chapada dos Veadeiros - Goiás*. Goiânia, Museu Antropológico, UFGO, 1979.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Os Argonautas Guató, Aportes para o Conhecimento dos Assentamentos e da Subsistência dos Grupos que se Estabeleceram nas Areas Inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Porto Alegre, PUCRS, 1995 (Dissertação de Mestrado).
- _____. Os Aterros do Rio Grande do Sul. Em Busca de um Modelo de Assentamento e Subsistência através de sua Comparação com os Aterros da Lagoa de Jacadigo, Pantanal Matogrossense. Relatório final de Bolsa de Recém-Mestre, FAPERGS, 1995.
- _____. & PEIXOTO, José Luis S. Diagnóstico de Avaliação do Impacto do Gasoduto Bolívia-Brasil ao Patrimônio Arqueológico do Estado do MS. - Trecho Corumbá-Terenos (Km 0-350). Porto Alegre, 1993.
- PASSOS, José Afonso de Moraes Bueno. *Petroglifos em Mato Grosso, com Apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia*. São Paulo, USP, 1975. (Tese de Livre-docência).
- PEIXOTO, José Luis S. *A Ocupação Tupiguarani na Borda Oeste do Pantanal Sul-matogrossense: Maciço do Urucum*. Porto Alegre, PUCRS, 1995. (Dissertação de Mestrado).
- _____. A Ocupação Tupiguarani na Borda Oeste do Pantanal Sul-matogrossense: Maciço do Urucum. *Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira* vol. 2:281-294. Porto Alegre, PUCRS, 1995.
- _____. & SCHMITZ, P.I. A Missão Nossa Senhora do Bom Conselho. *Pesquisas, História* n° 30:133-156. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1998.
- ROGGE, Jairo Henrique. A tradição Pantanal: uma Nova Tradição Tecnológica nas Terras Baixas Sul-americanas. Simpósio *Arqueología de las Tierras Bajas*. Montevideo, 1996.
- _____. & SCHMITZ, Pedro Ignácio. Projeto Corumbá: a Cerâmica dos Aterros. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira* vol. 2:781-791. Rio de Janeiro, 1992.
- _____. & _____. Projeto Corumbá: a Ocupação pelos Grupos Ceramistas Pré-coloniais. *Revista de Arqueologia* vol. 8, n° 2:169-180 (1994/1995).
- ROSA, André Osorio. Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul - Projeto Corumbá: Análise Preliminar dos Restos Faunísticos. *Biblos* 9:117-126. Rio Grande, 1997.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Tesouros Arqueológicos do Pantanal. *Ciência Hoje*, vol. 22, n° 129, capa e 36-45. Rio de Janeiro, SBPC, 1997.

- _____. El Pantanal: los Primeros Pasos de la Prehistoria. *Ciencia Hoy*, vol. 8, nº 45:12-20. Buenos Aires, 1998.
- _____. *Sítios Arqueológicos no Pantanal de Mato Grosso do Sul*. Pesquisas, Antropologia 54. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS, 1998.
- _____ & BEBER, Marcus Vinicius. Aterros no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Simpósio Arqueología de las Tierras Bajas*, Montevideo, 1996.
- _____; ROGGE, Jairo Henrique; BEBER, Marcus Vinicius & ROSA, André Osorio. O Projeto Corumbá, oito Anos de Pesquisa no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, CD-Rom*, Rio de Janeiro, 1997.
- SCHUCH, Maria Eunice Jardim. *Xaray e Chané: Índios frente à Expansão Espanhola e Portuguesa no Alto-Paraguai*. São Leopoldo, UNISINOS, 1995. (Dissertação de Mestrado).
- _____. O Índio enquanto Etnia: Etno-história dos Xaray e Chané. *Estudos Leopoldenses* vol. 31, nº 143:109-125. São Leopoldo, UNISINOS, 1995.
- _____. Missões Capuchinhas entre os Guaná Sul-matogrossenses. *Pesquisas, História* nº 30:89-131 São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1998.
- VERONEZE, Ellen. *A Ocupação do Planalto Central Brasileiro: O Nordeste de Mato Grosso do Sul*. São Leopoldo, UNISINOS. 1994. (Dissertação de Mestrado).
- WILLEY, Gordon. *Prehistoric Settlement Patterns in the Virú Valley, Peru*. Washington, Bureau of American Ethnology, Bulletin 155, 1953.

Figura 1 - Perfil de um aterro nos campos alagadiços no rio Abobral com o respectivo corte estratigráfico



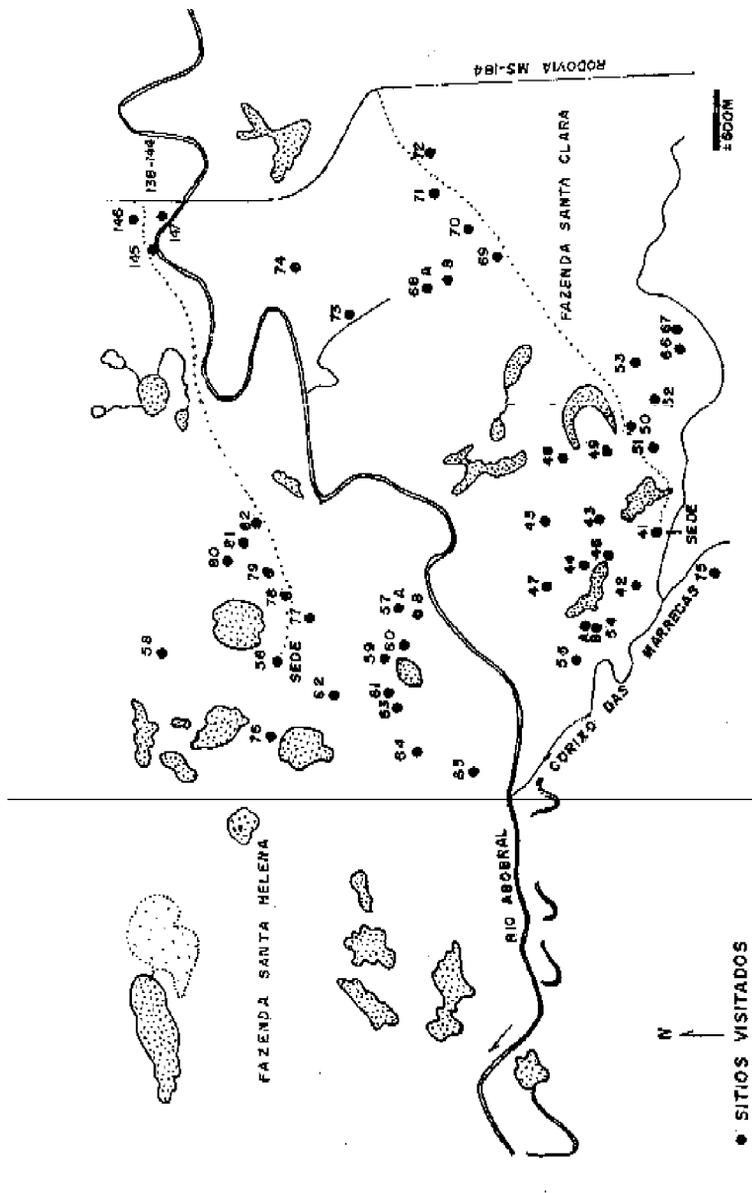


Figura 3 - Fazendas Santa Helena e Santa Clara